

# O PRIMEIRO MESTRE-ESCOLA DO BRASIL

**Prof. Francisco José Gomes Ribeiro,**  
cat. de Administração Escolar e  
Educ. Comparada, Fac. de Filos. da  
U. do Pr.

Vicente Rodrigues, que, mais tarde, haveria de ser conhecido pelo nome de Vicente Rijo, descendia da nobreza de Portugal e havia nascido, no ano de 1528, em Sacavém, nas proximidades do famoso Tejo.

Chamado para a vida religiosa, como seu irmão, Padre Jorge Rijo, que exerceu com brilho o mais alto cargo na administração do Colégio de Artes de Coimbra, ingressou na Companhia de Jesus, e foi enviado para o Brasil com os primeiros jesuítas, que aqui desembarcaram, no dia 29 de março de 1549, com o Governador-Geral Tomé de Sousa.

Se a defesa do litoral, o policiamento da colônia, a fundação de núcleos eram pontos capitais da política colonizadora de D. João III, não é de esquecer que a instrução e a conversão do indígena à fé católica integravam aqueles objetivos.

Assim, naquela data, os heróicos filhos de S. Inácio davam início no recôncavo baiano aos trabalhos apostólicos e, quinze dias mais tarde, já estava em pleno funcionamento a grande obra complementar da catequese, a primeira escola, a mais antiga de que se tem notícia. É a aurora da História da Educação no Brasil, e o primeiro mestre dessa escola, fundada pelo Padre Manuel da Nóbrega, foi o modesto irmão jesuíta Vicente Rijo, nome quase desconhecido nos meios educacionais de nossa terra.

Lembrar, portanto, seu nome será prestar homenagem devida ao pioneiro da instrução, ao precursor do professorado primário, essa plêiade de operários infatigáveis da grandeza do Brasil.

Vicente iniciou, em 1545, o noviciado em Coimbra. Ao terminar êsse estágio probatório, viu-se impedido de continuar os estudos que a ordem sempre os quis rigorosos. Uma otite pertinaz, que haveria de acompanhá-lo durante largos anos, matava-lhe também a esperança de subir os degraus do altar.

Agora, em Lisboa, com a doença que já se tornara crônica e as grandes dificuldades que lhe apresentava o Latim, êsse idioma indispensável no curso de humanidades e, sobretudo, no universitário, já lhe não restava ser senão um humilde irmão jesuíta, a quem coubesse a função de simples auxiliar da comunidade nos trabalhos da rouparia, da cozinha e do pomar.

Para êsses encargos, embarcou, em Lisboa, com seus companheiros com destino ao Brasil, no dia 1.º de fevereiro de 1549.

Na Bahia, Vicente, aos 21 anos de idade, ministrando aulas de catecismo, de ler e de escrever, constituiu-se o primeiro mestre-escola, o primeiro esforço de combate à ignorância, ao vício, ao êrro; o pioneiro do mais antigo núcleo educativo nacional.

Antes de completar-se o primeiro mês de aulas, Tomé de Sousa, sabedor do progresso dos discípulos do irmão Vicente, pois correrá a notícia de que já sabiam o alfabeto, foi examiná-los.

Era a primeira banca examinadora a funcionar no Brasil.

Em julho de 1550, a velha otite, o rigor do clima e fortes dores de cabeça removeram Vicente para Pôrto-Seguro, onde, ao lado do Padre Francisco Pires, ensinava os meninos, lutava contra a antropofagia e procurava domesticar o índio.

Suas atividades assumiram tal relêvo que Nóbrega, em 1553, ao transferir-se para o Sul, não teve dúvidas em deixá-lo na Bahia, como superior-interino do Colégio, até a chegada do Padre Luís da Grã, em cuja companhia vieram diversos confrades, entre os quais o venerável José de Anchieta, na época, simples escolástico. Fazia parte da comitiva o segundo Governador-Geral Duarte da Costa.

Embora não tivesse a formação cultural, que sempre tem distinguido, através dos tempos, os filhos de S. Inácio, Vicente

foi ordenado sacerdote pelo primeiro bispo do Brasil, Dom Pedro Fernandes Sardinha.

Serafim Leite acredita que essa tenha sido a primeira ordenação sacerdotal realizada no Brasil.

Em outubro daquele mesmo ano, quando demandava S. Vicente e dali para as obras do novo colégio em Piratininga, foi salvo de um naufrágio nas imediações da foz do rio Caravelas.

Conclui essa viagem em frágil embarcação e alcança S. Vicente nas vésperas do Natal.

Em janeiro do ano seguinte, sobe a serra de Paranapiacaba e, na modesta residência de S. Paulo de Piratininga, entrega-se com ardor ao apostolado e aos estudos que na famosa Coimbra lhe não fôra possível realizar.

Aluno, agora, de Anchieta no domínio do idioma de Virgílio e dos estudos de humanidades, foi condiscípulo também dêsse seu mestre nas aulas de Moral, ministradas pelo ex-reitor do Colégio de Coimbra, Padre Luís da Grã, e, em 1556, aos 28 anos de idade, terminou os estudos que as dificuldades podiam permitir.

Em S. Vicente, no ano de 1560, o primeiro educador brasileiro emite os votos perpétuos da Companhia de Jesus e deixa na fórmula entregue ao Provincial Padre Luís da Grã a sua única assinatura autógrafa conhecida.

Quando a Vila de S. Paulo de Piratininga e o colégio dos jesuítas, em 1562, foram atacados pelos índios confederados, vindos de Santa Catarina e de Cananéia, do vale do Paraíba e do Rio de Janeiro, Vicente, que era, então, o superior daquele colégio, colaborou na defesa do lado de João Ramalho e do cacique Tibiriçá.

Co-fundador da cidade da Bahia, em 1549; de S. Paulo, em 1554, luta, agora, em 1556, no Rio de Janeiro, contra franceses e tamoios e coopera com Estácio de Sá na fundação da futura capital do Brasil.

Junto ao Pão-de-Açúcar, ante o perigo que corriam os portuguêses, cai e de joelhos implora a proteção divina. Reboa, então, um estampido. O depósito de pólvora de uma das canoas portu-

guêsas tinha ido pelos ares e o pavor debandara o inimigo, o que foi atribuído ao fervor da prece de Vicente.

Ainda, naquele mesmo ano, retorna à direção do educandário de S. Paulo, donde é removido para o colégio da Bahia, em 1573.

Nessa viagem, na noite de 28 de abril, com quatro missionários e os padres Anchieta e Luís da Grã, naufraga na costa do Espírito Santo, na altura da foz do rio Doce.

Dali vai a pé com seus confrades até Vitória, onde permanece cinco meses e auxilia na construção da igreja de S. Tiago, onde, mais tarde, em 1597, José de Anchieta seria sepultado.

Da Bahia, agora metrópole da colônia, onde estivera, de fins de 1573 até 1583, é removido para Pôrto-Seguro, por motivo de saúde e de velhice. Já era avançado em anos o único remanescente da comitiva do Padre Nóbrega.

Seus últimos 15 anos viveu-os no Rio de Janeiro, trabalhando na cura das almas, na direção espiritual de seus irmãos de ordem e na administração do colégio.

Setuagenário e com cinqüenta e um anos de Brasil, Vicente Rijo, o primeiro mestre-escola, falecia no Rio de Janeiro, no dia 9 de junho de 1600, no Colégio da Companhia de Jesus.

Diante de tantos e de tais títulos, é justo que essa figura dos albores da catequese, da história, da pedagogia nacional não permaneça no olvido, mas reviva nos nossos meios educacionais com o seu nome aureolado pela admiração, respeito e gratidão notadamente nos frontispícios de nossos educandários tantas vêzes usurpados por nomes alheios ou sem projeção alguma no ensino; nas páginas de nossas obras pedagógicas, nas instituições escolares e, sobretudo, nas casas de formação do nosso professorado.

Aos grêmios estudantis, às associações de professores e, principalmente, à administração pública, portanto, a tarefa de promover homenagens condignas ao Padre Vicente Rijo, o primeiro mestre-escola do Brasil.